

Leitura na educação Infantil

Autores

Erica Rodrigues da Paz
Aurora Joly Penna Mariotti
Maira Ortiz Knetsch

1. Introdução

O presente artigo surge a partir de nossa experiência como professoras de Escola de Educação Infantil ao procurarmos estimular o contato das crianças com livros como forma de iniciação a leitura. Pudemos, neste período, presenciarmos o temor de algumas professoras em permitir o manuseio de livros por crianças, principalmente pelas menores; de dois a três anos de idade por receio que houvesse danificação dos exemplares.

Segundo Magda Soares apud Maricato (2005, p. 18), esta postura do professor de restringir o acesso ao livro acaba fazendo com que os alunos vejam o livro como algo chato, uma vez que não pode ser tocado.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI (1998, vol 3) ressalta a importância do manuseio de materiais, de textos (livros, jornais, cartazes, revistas etc), pelas crianças, uma vez que ao observar produções escritas a criança, vai conhecendo de forma gradativa as características formais da linguagem. Isso é visível quando uma criança folheia um livro imite sons e faz gestos como se estivessem lendo. Entretanto no cotidiano escolar, isso pode não ocorrer devido ao medo de que os livros se estraguem. Porém os alunos só aprenderão a ter cuidado com os materiais, se tiveram em contato com os mesmos. A criança só construirá conhecimento a cerca da leitura se estiver inserida em um ambiente favorável ao letramento que a possibilite presenciar e participar de situações de iniciação a leitura.

Segundo Rosana Becker apud Maricato (2005 p. 22) para trabalhar literatura com as crianças é preciso possibilitar a elas o contato com os dois materiais: aquele que é para ser lido (livros, revistas, jornais, entre outros) e, aquele que é para ser rabiscado (folha sulfite, caderno de desenho, lousa, chão).

De acordo com Nelly Coelho (2000), o espaço da escola pode ser dividido em 2 ambientes um seria estudo programado (sala de aula, bibliotecas para pesquisa etc) e outro espaço que seria de atividades livres (sala de leitura, recanto de invenções, oficina de palavra, laboratório de criatividade etc). Nesta dualidade de ambientes o aluno assimila as informações e conhecimentos, e é estimulado pra liberar suas potencialidades específicas em cada um dos ambientes.

Segundo Edmir Perrotti apud Maricato (2005 p.25), quanto mais cedo as crianças tiverem contato com histórias orais e escritas, maiores serão as chances de gostarem de ler.

Ao folhear um livro, tocá-lo e observar suas figuras, mesmo que ainda não decodifique a língua escrita, a

criança está ao seu modo praticando a leitura e, esta prática de leitura é denominada de “Letramento” por Magda Soares apud Maricato (2005 p. 18).

O Letramento consiste em fazer uso social da leitura e da escrita e, isso ocorre quando a criança desde cedo explora e vivencia práticas de leitura e escrita. Diante disso, cabe ao professor possibilitar este contato do aluno com a literatura orientando – sobre como fazer uso deste material escrito.

E segundo RCN, organizando o espaço físico de forma atraente e aconchegante, com almofadas, iluminação adequada, livros de diversos gêneros, de diferentes autores, revistas, histórias em quadrinhos, jornais, trabalhos de outras crianças etc, sendo que as crianças devem ter livre acesso a este espaço.

Em relação à organização do ambiente para leitura Perrotti apud Maricato (2005, p. 26), defende que ao contrário de uma biblioteca para adultos (silêncio e imobilidade), na biblioteca infantil as crianças podem circular, falar e interagir com o adulto que o ajudará a encontrar o caminho para a leitura. Um espaço no qual a criança tem que ficar quieta sentada na cadeira e sem se relacionar com os livros acaba de acordo com professor da USP associando a leitura à obrigação e não a um ato prazeroso. Ainda de acordo com o autor o respeito pelo interesse do pequeno leitor permite a associação da leitura à escolha e ao prazer.

2. Objetivos

O presente artigo tem como objetivo discutir sobre a forma como a leitura é iniciada com crianças em Escola de Educação Infantil, ressaltando a importância de uma prática educativa que conceba a leitura como um ato prazeroso e não como uma obrigação.

3. Desenvolvimento

O tema que discutimos advém das nossas reflexões, leituras, estudos, que tiveram como ponto de partida a experiência ao desenvolver um trabalho de iniciação a leitura com crianças da faixa de 2 a 3 anos.

Nestes momentos, nós proporcionávamos inicialmente à manipulação de livros por parte dos alunos: as crianças pegavam o livro e não sabiam virar as páginas convencionalmente e logo pegavam outro, não se concentravam por muito tempo em um mesmo livro. Diante deste fato chamávamos atenção deles para os detalhes visuais do livro.

Como previsto, ao decorrer do ano letivo, alguns livros foram rasgados pelas crianças, mas como nos diz Soares apud Maricato (2005 p. 20): "vai estragar sim, porque ela ainda não tem os hábitos e a habilidade motora para lidar com o livro". Contudo, pudemos perceber que esses momentos de manipulação dos livros pelas crianças, consistiam em oportunidades de ensiná-las a manipular adequadamente estes livros, respeitando-os e familiarizando-se com eles. A partir do segundo semestre do ano, notamos uma importante evolução dos alunos que com menos frequência rasgavam os livros, na verdade, os rasgavam somente quando disputavam com o colega um mesmo livro, afinal histórias como "Mula sem-cabeça", "Boitatá", "Bruxa Onilda", "Chico, o cachorro esquisito" eram os mais requisitados pelo Maternal I (faixa-etária de 2 a 3 anos de idade). Vale esclarecer que esta concorrência pelos mesmos livros nesta faixa-etária não fica somente, numa negociação oral, as crianças disputam a posse do livro com o corpo e com isso os livros chegam a ser rasgados.

Na tentativa de estabelecer um ambiente favorável a leitura, além do contato direto com o material, consideramos importante também observar o que os alunos valorizavam: as histórias que as crianças mais gostavam, elas pediam para contar todos os dias, mas procurávamos intercalar, alguns dias líamos a que eles pediam e outros líamos outras histórias, para que escutassem histórias diferentes daquelas, pois se deixássemos eles escolherem, leríamos as mesmas histórias todos os dias. Os alunos também queriam contar histórias, e como todos queriam contar ao mesmo tempo, entramos em um acordo no qual o ajudante do dia geralmente em roda escolhia uma versão para contar. O aluno quando contava a história sempre pulava algumas partes, e os demais alunos ajudavam o amigo a lembrar as partes que esquecia. Isso tudo refletia na casa, situação que se confirmava porque alguns alunos contavam trechos da história na casa, e então os pais perguntavam a nós professoras sobre o assunto lido.

Outro aspecto que podemos ressaltar é que nos momentos de livre manuseio dos livros, os alunos começavam a contar a história para os colegas, alguns até nos imitavam e, às vezes organizavam entre eles uma roda, uma vez que nós sempre contávamos histórias na roda.

4. Resultados

Villardi (1999), distingue o hábito de leitura e o gosto pela leitura, uma vez que o primeiro está relacionado ao cumprimento de um dever e o segundo ao prazer. Para dizer isso a autora baseou-se no fato de que muitas pessoas só praticam a leitura na fase escolar, ou seja, uma vez concluída a escolarização não voltam mais a ler, pois concebem a leitura como somente um instrumento que lhe permite cumprir um dever e não como um meio para refletir o mundo, ou afastar-se dele, buscando na fantasia aquilo que a vida lhe nega.

“Há que se desenvolver o gosto pela leitura, afim de que possamos formar um leitor para toda vida” (VILLARDI 1999, p. 11).

Há dois caminhos de acesso ao prazer: pelos sentidos (emoção), e pela razão. Quando nos emocionamos com um filme, por exemplo, experimentamos um prazer que nos chega pelos sentidos, agora se além de admirar a beleza do filme, formos capazes de entender como ele foi feito observando suas riquezas, seus detalhes, nosso prazer estará além dos sentidos chegando ao intelecto (VILLARDI, 1999). Pode se dizer que o mesmo ocorre com a literatura, ou seja, podemos gostar de um livro porque sua história nos emociona (prazer pelo sentido) e também porque absorvemos a essência da história (prazer pela razão) e, “é essa emoção que transforma a obra em algo que não é mais do autor, mais de cada um que nela deixa sua marca”. (VILLARDI 1999, p. 37).

Segundo Villardi (1999), cabe aos profissionais da educação ensinar o aluno a se emocionar também com a razão, já que para se emocionar com os sentidos não é preciso a interferência da escola.

“O livro é aquele brinquedo, por incrível que pareça, que entre um mistério e um segredo, põe idéias na cabeça” (DINORAH, 1996).

Finalizamos este artigo concordando inteiramente com Soares apud Maricato (2005, p. 18) quando ela diz que: “É preciso desmanchar essa idéia do livro como objeto sagrado; é sagrado sim, mas para estar nas mãos das pessoas, ser manipulado pelas crianças”.

5. Considerações Finais

Ao estudar a iniciação a leitura pela criança na Educação Infantil, percebemos o quanto é importante o papel mediador do professor, pois será de sua responsabilidade proporcionar aos alunos espaços adequados de leitura, transformando estes espaços em situações prazerosas de aprendizagem.

“O professor que atua precisa tornar-se leitor porque as crianças aprendem a ler com os gestos de leitura do outro”. Esse pensamento de Becker apud Maricato (2005, p. 26), foi vivenciado por nós em nossa prática pedagógica anteriormente relatada neste artigo, quando os alunos imitavam a nossa maneira de contar histórias.

Para aproximar o aluno da leitura, faz-se necessário que o educador atribua a literatura uma finalidade prazerosa e não apenas cumprir obrigações na escola ou no trabalho, pois só assim será possível formar leitores para a vida toda.

“É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens” (COELHO, 2000). De acordo com o pensamento da autora, constatamos que desde a infância vamos assimilando a idéia de mundo, suas evoluções, ou seja, o caminho para o desenvolvimento é a palavra, iniciando na literatura infantil. É muito importante esta fase inicial, pois ela tem papel fundamental de transformação que é: a de iniciar um processo de formação de um novo leitor.

Referências Bibliográficas

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil, teoria, análise, didática**. 1ª ed. – São Paulo. Moderna, 2000;

DINORAH, Maria. **O livro Infantil e a formação do leitor**. Rio de Janeiro: Vozes Ed., 1995;

MARICATO, Adriana. O prazer da leitura se ensina. **Criança**. Brasília. s/ v, n. 40, p. 18-26, set. 2005;

Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998;

Revista Criança do professor da Educação Infantil “O prazer da leitura se ensina” Ministério da Educação – Coordenação geral da Educação Infantil – DPE/SEB, Brasília/DF, setembro/2005;

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999.